

MALCHER, Monique. *Flor de gume*. São Paulo: Pólen, 2020.

**PELOS RIOS DA INFÂNCIA, NOS BARCOS DE SANTARÉM:
O PRIMEIRO LIVRO DE MONIQUE MALCHER**

**BY CHILDHOOD RIVERS, IN THE BOATS OF SANTARÉM:
MONIQUE MALCHER'S FIRST BOOK**

Israel Augusto Moraes de Castro Fritsch¹

Aquele que deseja localizar novas tribos precisa avançar na floresta como um indianista, curioso e pacífico, sem a garantia do que localizará. Desbravar também é lida de crítico literário; é, ativamente, procurar o frescor da selva e de outros recantos de um país continental. Foi assim que, numa lista de autoras da Amazônia, colhi e abri *Flor de Gume* (2020), de Monique Malcher (pronuncia-se “Malchér”). A escritora paraense, de 31 anos, nasceu em Santarém, cidade à beira do Rio Amazonas tão embrenhada e geograficamente distinta, que fica a 22 horas de carro da capital Belém, mais ou menos a duração de um voo do Brasil à Índia, para se ter uma ideia da lonjura, que não é demérito. O Brasil tem belos fins de mundo.

Flor de Gume, disponível nos formatos impresso e *e-book*, sublinha o quanto a infância transforma em criatividade a violência de ser títere das circunstâncias. A obra reforça o tanto que uma criança é vítima – no sentido de sujeição – da família, do lugar, das circunstâncias, em nível mais *hard* do que somos os crescidos. “Nunca perguntaram se eu queria estar com ele”, lamenta a narradora sobre o pai, em um dos contos, ou: “Nem o furar das orelhas a gente decide”, reclama. O repensar da infância, sem fronteira entre o hoje e o lá atrás, é uma das entoadas fortes da publicação. A narradora dos contos, que quase sempre parece ser a mesma, evoca a natureza dos sentimentos, mas a dor é o limite: “O sofrimento não é desastre natural, ele é arquitetado por quem tem poder”, crava.

O livro é feito de três partes (a segunda é mais dedicada à morte e ao luto) e três dezenas contos curtos com temas recorrentes. Além da infância, da família e da perda, a obra expõe a paisagem paraense, impossível de esconder, porque muito ali tem um *modus vivendi* peculiar na relação com a natureza, imbricada a seus moradores. Se suprimíssemos os belos títulos dos contos (“As palavras por debaixo da porta”, “Erva-doce nas mãos para os dias sem você”, “O pesadelo é um bilhete urgente do que fere” etc.), lê-lo-íamos como uma novela fragmentada.

¹ Doutorando no PPG em Letras da UFRGS.

A história que abre o livro, “Boca de lobo”, é um texto proustiano, como muitos, narrado em primeira pessoa pela mulher/menina que cresceu pulando de barco em barco. O meio de transporte, primordial no Norte do país, dava-lhe medo, mas era parte da casa: “os barcos eram o corpo da minha família”, diz. A família fazia barcos, andava em barcos, e a menina tinha medo: “Queria não cair no rio, me afogar”, explica, suprimindo o segundo “não”, de modo a ensejar o rio, da mesma forma que apresenta parte daquela vida ribeirinha com repulsa e intimidade. O barco é um espaço feminino de banho nas crianças (sim, toma-se banho no barco, durante as longas viagens), cozinha e rede – onde se dorme e se conta história para passar o tempo. Um certo feminino pelo qual a narradora tem carinho, mas não lhe pertence. Se no banho “um pedaço de mim, que saía com água e sabão, voltava para o rio”, às vezes ela se “sentia deslocada, porque havia muita coisa urbana e besta” em seu comportamento. O desequilíbrio constante para entrar e sair das embarcações, “como se tudo que cortasse o rio fosse feito de corda bamba” é o titubear de estar “no lugar estranho e ao mesmo tempo meu território”, que é a floresta.

O corpo menos metafórico reaparece no “Suas sandálias me cabem?”, em que a mulher/menina, em texto mais enigmático, fala da relação com o pai, ora agressivo ora amoroso. Em outro conto (“Por entre as pedras as águas choram”), ele ensina a filha de 9 anos a dar tiros de espingarda. Mas o estouro maior vem mesmo dessa relação com o pai separado e violento, que certa vez teve um sítio no interior do Pará, sem luz nem água: “(...) meu pai, que avivava o fogo, pensava em dominar a natureza, mas ela estava dentro das minhas entranhas, estávamos em conversa direta”, explica a narradora, sempre na primeira pessoa e intimista (no sentido de estilo literário, mesmo). É bela a imagem de uma mulher gigante cujas lágrimas formaram um igarapé onde a menina se banhava. “Dava um mergulho, blu, blu, blu, tão triste e inundada de ódio.” O ódio é permanente, aparece 13 vezes no livro. Mas contra quê? O pai, certamente, que vive com mais liberdade, mas quer controlá-la e talvez a tenha violentado – fica-se com essa impressão. O pai, cuja marca é a sandália, volta no forte conto “Anis”, sobre violência permanente e o desejo de morte, porque pai a gente também não escolhe, como a orelha furada. O pai é fixação na catarse: “Monstro sou eu, os monstros são lindos. Você é só um qualquer homem comum. Seu caixão tombou na primeira descida. Nos meus cabelos, alecrim.”, conta em outro texto.

Se o pai é fera, a mãe e as avós são plantas que envolvem. O conto “Borboleta amarela” é um diálogo, uma ligação por vídeo, com a mãe, de quem a narradora está muito distante e a quem explica que “era muda”, com duplo sentido, evidência da infância calada que grita para dentro, e não sabia como crescer naquele corpo (desajustado quanto à orientação sexual), mas,

agora, sentindo-se árvore (voltam as metáforas), a filha conta um sonho em que está “criança na mente, mas adulta no tamanho”, que é muito o que se sente ao longo do livro. É para ser uma conversa cotidiana, que se torna uma grande reflexão do que as liga, e a filha faz um *feedback* emocional: ela cresceu. “Sou a árvore que as raízes entrelaçam com as suas, e a vida se renova”, conta. A alusão aos elementos da floresta é realizada de forma fluida na narrativa, parte dos sentimentos. É uma linguagem intrínseca semelhante à da compositora islandesa Björk, quando integra música e vídeo na paisagem do seu país – a “paisagem emocional”, e mantém arraigada a si a natureza de que foi feita, como nos videoclipes “Jóga” (“Emotional landscapes/ They puzzle me/ Then the riddle gets solved/ And you push me up to this”) e “Stonemilker” (“Find our mutual coordinate”). Geografia, superfície, profundidade, distância, coordenadas.

O conto “Apartamento”, sobre a relação com uma avó, talvez seja um dos mais curtos, porém o mais profundo, sobre as tristezas herdadas dos que se vão. O impasse diante da (sua) natureza aparece também quanto à atração por meninas. No conto “Quando dois pássaros se perdem”, que não é tão bem finalizado quanto os demais, a narradora inveja e se apaixona por Alana, colega de colégio, que tem uma beleza masculina que lhe dá medo. “Alana me mostrou as possibilidades que brotavam de ser algo fora de contexto, era arriscado para o meu mundo tão disciplinado estarmos juntas,” explica. O deslumbramento e mesmo a obsessão com o outro de igual sexo são parecidos com uma aproximação semelhante ocorrida no clássico *A Montanha Mágica*, de Thomas Mann. Na adolescência, e também na escola, o protagonista Hans Castorp apaixona-se por um colega, Pribislav Hippe: “Acontecia que Hans Castorp, desde muito tempo, fixara a sua atenção nesse Pribislav; escolhera-o em meio ao formigueiro de rostos conhecidos e desconhecidos que enchia o pátio; interessava-se por ele, acompanhava-o com os olhos (...) Adorava as emoções que ela [a relação com o colega] acarretava, a curiosidade de saber se nesse ou naquele dia o outro iria ou não a seu encontro (...)” (MANN, 2016, pp. 142 e 143). Ao que, no conto de Monique, “o corpo todo pulsava e me sentia completa de uma energia futurista, mesmo sentada na gama sem mexer um músculo”, diante a amiga.

Fora do contexto, há um conto-denúncia sobre a pobreza e a violência de Belém. “Um sorriso que atravessa o asfalto” trata da chacina, real, ocorrida em vários bairros em 2014 e que deixou dez mortos. Na história, conhecemos um pouco de uma das vítimas, morta no Guamá, área popular perto do Centro. No mais, a ordem dos contos vai afastando essa narradora onipresente do seu Pará. Ela ressurgem em Florianópolis, desterrada e fria, e às vezes não entende o mar. Talvez perca força na narrativa do deslocamento, à medida que se afasta da terra natal, apesar da presença permanente da memória. Três ou quatro contos parecem um diário bem escrito, mas para primeiro livro, é preciso tentar, testar. Depois, como muito fez Caio Fernando

Abreu no fim de vida, reedita-se, com cortes mais maduros e, sem dó, elimina-se um conto ou outro, dispensáveis ao conjunto. Mas livro de contos é assim: feito de altos e baixos. Além das belas imagens que cria, como a de um fogão novinho sobre o barco, presente para a avó enviado pelo rio, que era o meio mais barato, Monique é uma grande fraseadora. Destaco duas frases, de teor feminista, que reverberam: “As mulheres choram muito nas alquimias, quantos pratos comeram misturados com prantos?” e “As mulheres sabem que no fundo estão só sobrevivendo.” Enfim, o livro é um mergulho em si, pelos rios que desaguam da lembrança viva e da infância ambígua violenta e lenta convertidos em textos-cachoeira, como este trecho: “Embarquei nessa ideia da vida como um poema e pensei que talvez pudesse deixar o buraco dentro de mim à mostra e poder finalmente usar as palavras que estavam na lama crescendo junto com as beladonas na escuridão.” É possível desbravar a selva pelo rio, um percurso bem mais feminino – no sentido de oposição ao masculino, e profundo.

REFERÊNCIAS

MANN, Thomas. *A montanha mágica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

Björk. *Jóga*. [2019] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=loB0kmz_0MM.

Acesso em 30 jul. 2020. Youtube canal.

Björk. *Stonemilker*. [201?] Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=gQEyezu7G20>. Acesso em 30 jul. 2020. Youtube canal.

Recebido em 02/08/2020. Aceito em 24/09/2020.